

Primeiro Mitógrafo do Vaticano: Tradução do ciclo mitológico de Ceres

Ana Paula Silva Santos

Universidade Federal da Bahia – UFBA

O Primeiro Mitógrafo do Vaticano é um dos três autores anônimos que compõem uma coleção de mitos clássicos, descoberta por Angelo Mai em alguns manuscritos na biblioteca do Vaticano na época em que era prefeito da biblioteca¹. Mai publicou sua edição *princeps* sob o título *Classicorum Auctorum e Vaticanus Codicibus Editorum Tomus III* em 1831. Essa coleção de narrativas são manuais de histórias mitológicas, que foram compostos durante a Idade Média com o objetivo não apenas de salvar os mitos clássicos mas também de transmitir os conhecimentos contidos neles, tendo como base a filosofia moral cristã. Essas três obras dispõem de autoria distinta, embora no começo de sua aparição tenham sido estudadas como sendo pertencentes a um único autor.

Para o Primeiro Mitógrafo, contamos com apenas um manuscrito, o *Vaticanus Latinus Reginensis* 1401. A data de composição da obra costuma ser situada entre as últimas décadas do século IX e os finais do século XI. Conforme a edição crítica mais recente, que é a que seguimos para o texto que traduzimos, a de Zorzetti e Berlioz (2003), com a tradução realizada por Jacques Berlioz e com notas produzidas por Nevio Zorzetti, o Primeiro Mitógrafo apresenta 233 mitos narrados, diferentemente da versão de Peter Kulcsár, que estampa 230. A obra está dividida em três Livros desiguais em que as *fabulae* são independentes: o primeiro contém 100 narrativas mitológicas, o segundo 101 e o terceiro 32, sendo este último iniciado por uma longa genealogia dos deuses e heróis.

O autor dessa obra é geralmente visto como sendo diferente dos outros dois mitógrafos devido a algumas questões relacionadas à forma e ao estilo. Dessa maneira, destacam-se dois pontos fundamentais: o primeiro está relacionado à organização da obra, isto é, as narrativas míticas estão organizadas de uma forma que parece não haver nenhum propósito evidente; o se-

1. Segundo o Arquivo Apostólico Vaticano, o cardeal Angelo Mai atuou como guardião da Biblioteca do Vaticano de 1819 até 1833 (<https://www.archivioapostolicovaticano.va/content/aav/it/l-archivio/note-storiche/cardinali-archivisti/angelo-mai--1853-1854-.html>).

* ana_aluap18@hotmail.com

Recebido em 17/10/2021
Aprovado em 09/11/2021

gundo ponto diz respeito à extensão, haja vista que os mitos variam muito nesse aspecto, alguns são narrados brevemente, mas, outras vezes, aparecem narrados de forma mais completa.

O Segundo Mitógrafo, cujo autor ainda permanece anônimo, possui um total de 275 narrativas individuais de diferentes extensões, de acordo com a edição crítica mais recente de Kulcsár. Em contrapartida, as edições mais antigas de Angelo Mai e Georgius Bode apresentam 230 narrativas.

No Livro do Segundo Mitógrafo, preservado em mais de dez manuscritos, a apresentação dos mitos é semelhante à do Primeiro Mitógrafo, porém as histórias parecem estar mais organizadas de forma proposital e sistemática. Além do mais, diferentemente do Primeiro Mitógrafo, esse autor parece ter um estilo de escrita um pouco mais elaborado, na medida em que suas narrativas são mais extensas, o que nos leva a inferir que o Segundo Mitógrafo parece ter consultado mais fontes do que o Primeiro (PEPIN, 2008, p. 6-7).

A obra do Terceiro Mitógrafo, considerada mais interessante, está preservada em mais de quarenta manuscritos e possui 15 longas narrativas, baseadas em obras de autores antigos e tardo-antigos². O Terceiro se distingue dos outros dois mitógrafos por ter um estilo peculiar, apresentando uma linguagem mais elaborada, com riqueza de detalhes e extensa interpretação alegórica dos mitos clássicos.

Muito embora o Primeiro Mitógrafo seja visto de forma diferente dos outros dois mitógrafos por não apresentar um objetivo evidente (o de propor narrativas mitológicas de forma mais didática explicitamente), é possível perceber a tentativa do autor em organizar a obra. Dessa forma, podemos observar que há um pequeno grupo de narrativas que se referem aos Trabalhos de Hércules e à Guerra de Troia. Além do mais, há algumas narrativas que estão organizadas por tema, outras por apresentarem os mesmos personagens, como veremos a seguir na tradução dos mitos relacionados a Ceres.

As narrativas míticas relacionadas a Ceres, a *Fabula Cereris et Proserpinae*, no Livro I, são narradas pelo Primeiro Mitógrafo de forma detalhada, apresentando três partes: a proposição do tema (1); a narração, presente (2-3); e uma espécie de conclusão (4). Nessa história, é possível notar a tentativa do Mitógrafo em interpretar o mito, em que a história narrada parece relacionar o rapto de Prosérpina com o surgimento da lua crescente e decrescente.

Com relação à fábula seguinte *Fabula Celei et Triptokemi*, é possível notar que o Mitógrafo segue com a mesma personagem Ceres. A narrativa se apresenta de forma mais breve e pouco detalhada em relação à anterior, estando constituída apenas da narração (1-4).

Em seguida, o Primeiro Mitógrafo relata a *Fabula Cereris et Lyciorum*, em que a personagem é a mesma das duas narrativas anteriores. Além do mais, é importante notar que essas três narrativas estão relacionadas não só por apresentar a mesma personagem, como também

2. O terceiro Mitógrafo utiliza, para a composição de sua obra, fontes como as seguintes obras: *Narrationes*, atribuída a Lactâncio Plácido; as *Mythologiae*, de Fulgêncio; a *Commentarius ad Aeneidos*, de Sêrvio, entre outras fontes. Sobre essa questão cf. Pepin (2008, p. 7-11).

o mesmo assunto, ainda que de forma breve. Esse mito também apresenta a narração (1-3) como único componente. Em relação à continuação das fábulas, algumas narrativas, que estão presentes no Livro I a partir da *Fabula Cereris et Lyciorum*, registrarão a mesma personagem, mas abordando como os titãs foram gerados e a guerra contra Júpiter³.

A partir das narrativas míticas apresentadas, ainda que de forma sucinta, podemos perceber que o Primeiro Mitógrafo tenta organizá-las, mesmo não havendo nenhum propósito expresso. Assim, é possível perceber existência de grupo seletivo de narrativas interligadas, seja por se tratarem do mesmo tema ou da mesma personagem, como veremos na tradução das fábulas a seguir.

3. Para mais detalhes sobre a continuação dessas narrativas, basta conferir a dissertação defendida em nível de mestrado, intitulada “O Livro I do Primeiro Mitógrafo do Vaticano: Estudo Introdutório, Tradução e Notas”, defendida em 2020 na Universidade Federal da Bahia, no Programa de Literatura e Cultura (PPGLitCult), sob a orientação do professor José Amarante Santos Sobrinho.

Fabula Cereris et Proserpinae

1 Ceres cum raptam a Plutone Proserpinam filiam diu quaesisset, tandem aliquando eam esse apud inferos comperit, quia a Plutone, siue Orco, fratre Iouis rapta fuerat. 2 Pro qua re cum Iouis implorasset auxilium, ille respondit posse eam reuerti, si nihil apud inferos gustasset. 3 Illa autem Punici mali in Elysio grana gustauerat, quam rem Ascalaphus, Stygis filius, prodidit; inde Proserpina ad [ad] superos remeare non potuit. 4 Sane Ceres postea meruisse dicitur, ut Proserpina sex esset cum matre mensibus, sex cum marito. 5 Quod ideo fingitur quia Proserpina ipsa est et luna, quae toto anno sex mensibus crescit, sex deficit — scilicet per singulos menses quindenis diebus —, ut crescens apud superos et deficiens apud inferos uideatur.

Fabula Celei et Triptolemi

1 Eleusina ciuitas est Atticae prouinciae, haud longe ab Athenis. 2 In qua cum regnaret Celeus et Cererem, quaerentem filiam, liberalissime suscepisset hospitio, illa pro remuneratione ostendit ei omne genus agriculturae. 3 Filium etiam ei Triptoleum recens natum per noctem igne fouit, per diem diuino lacte nutriuit et eum alatis serpentibus superpositum per totum orbem misit ad usum frumentorum hominibus indicandum.

Fabula Cereris et Lyciorum

1 Cum Ceres filiam suam Proserpinam quaereret, ad releuandam sitim accessit ad quendam fontem. 2 Tunc Lycii rustici, a potu eam prohibentes, aquam pedibus conturbauerunt suis; et dum contra eam turpem sonum emittere[n]t, illa irata eos in ranas conuertit, quae nunc quoque ad illius soni imitationem coaxant. 3 Postea Lycum regem Scythiae, qui Triptoleum occidere uoluerat, in lyncem feram conuertit.

Fábula de Ceres e de Prosérpina⁴

1 Como Ceres tinha procurado por muito tempo sua filha Prosérpina, raptada por Plutão, finalmente foi informada que ela estava no mundo inferior, porque tinha sido raptada por Plutão, ou Orco, irmão de Júpiter⁵. 2 Como ela tinha implorado o auxílio de Júpiter em favor desta situação, este respondeu que Prosérpina poderia voltar se por acaso não tivesse provado nada dentro dos infernos. 3 Mas ela tinha comido sementes de romã no Elísio, e quanto a isso Ascá-lafo, filho de Estige, a denunciou; a partir daí, Prosérpina não pôde voltar ao mundo superior. 4 Diz-se que, depois, Ceres verdadeiramente conseguiu que Prosérpina ficasse com a mãe por seis meses, e os demais seis com o marido. Por esse motivo é que assim se representa: porque Prosérpina é a própria lua, que todo ano cresce por seis meses, eclipsa-se por seis meses — a saber, quinze dias durante todos os meses —, quando crescente, é vista dentro do mundo superior, e decrescente, dentro do mundo inferior.

Fábula de Céleo e Triptólemo⁶

1 Elêusis é uma cidade na província da Ática, não muito distante de Atenas. 2 Como Céleo reinou naquela região e, com generosíssima hospitalidade, tinha acolhido Ceres, que estava à procura de sua filha, ela – como forma de recompensa – lhe mostrou toda a espécie de agricultura. 3 Ceres ainda aqueceu com fogo durante a noite o filho recém-nascido de Triptólemo, e durante o dia nutriu-o com leite divino; além disso, ela o pôs sobre serpentes aladas e o enviou por toda a terra para mostrar aos seres humanos a utilidade dos cereais.

Fábula de Ceres e dos Lícios⁷

1 Como Ceres procurava sua filha Prosérpina⁸, para aliviar sua sede, ela se aproximou de uma fonte. 2 Então, os camponeses Lícios, impedindo-a de beber, perturbaram a água com os pés; enquanto, contra ela, proferiram um som desagradável, esta irada os transformou em rãs, que agora coxam do mesmo modo à imitação do som deles. 3 Posteriormente, Ceres transformou em um lince selvagem o rei Linco dos Citas, que quiseram assassinar Triptólemo.

4. Cf. Sérvio (*georg.* 1, 39); Mythogr. 1 (111); Mythogr. 2 (23 e 122); Fulgêncio (*myth.* 1, 10-11).

5. Se, para os gregos, Plutão é a divindade infernal que habita o submundo, para os romanos tem-se *Orcus*, o deus da morte que aos poucos se “helenizou”, que é outro vocábulo para denominar o Plutão grego (DAIN, 1995, p. 7).

6. Cf. Sérvio (*georg.* 1, 163); Mythogr. 2 (118-119).

7. Cf. Sérvio (*georg.* I, 378); Mythogr. 1 (31 e 184); Mythogr. 2 (117, 2-7).

8. Essa fábula parece estar confusa, não há uma história ordenada, já que possivelmente o compilador combinou essa versão do mito com mais duas fábulas, uma do mesmo mitógrafo (31) e outra do Segundo Mitógrafo (cf. Mythogr. 2, 117). Acredita-se que a confusão se deu por conta dos vocábulos *Lyncus* e *Lycus*: o primeiro diz respeito ao rei da Cítia que foi transformado em lince selvagem, por tentar assassinar Triptólemo, já o segundo se refere aos camponeses da Lícia, uma região localizada na Ásia Menor, que foram transformados em rãs por emitirem um som desagradável (DAIN, 1995, p. 9).

Referências

- AMARANTE, J. *O livro das mitologias de Fulgêncio: os mitos clássicos e a filosofia moral cristã*. Salvador: EDUFBA, 2019.
- BETTINI, Maurizio. As reescritas do mito. In: CAVALLO, Guglielmo, FEDELI, Paolo, GIARDINA, Andrea. *O espaço literário da Roma Antiga*. Vol. I: A produção do texto. Trad. Daniel Peluci e Fernanda Messeder Moura. Belo Horizonte: Tessitura, 2010. p. 19-39.
- BRISSON, L. *Introdução à filosofia do mito*. 2ª ed. rev. aum. Trad. José Carlos Baracat Junior. São Paulo: Paulus, 2014.
- DAIN, Ph. *Mythographes du Vatican I*. Traduction et commentaire Ph. Dain. Annales littéraires de l'Université de Besançon, 579. Besançon: Université de Franche-Comté, 1995, p. 5-245.
- GRIMAL, P. *Dicionário da mitologia grega e romana (DMGR)*. Trad. de Victor Jabouille. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- MAI, A. *Classicorum Auctorum E Vaticanis Codicibus Editorum*. Tomus 3: complectens Mythographos tres, Fabulas Phaedri ut aiunt novas, Boethii Opuscula duo, Cassiodorii supplementum, Epigrammata vetera, Geographum veterem, Gargilii Martialis Fragmentum de Pomis, Placidi Glossas, et alia quaedam. Roma: Typis Vaticanis, 1931.
- MAURUS, S. H. In *Vergilii carmina comentarii. Servii Grammatici qui feruntur in Vergilii carmina commentarii; recensuerunt Georgius Thilo et Hermannus Hagen*. Georgius Thilo. Leipzig: B. G. Teubner, 1881.
- KULCSÁR, P. (ed.). *Mythographi Vaticani I et II*. Turnhout: Brepols, 1987.
- PEPIN, R. E. *The Vatican mythographers*. New York: Fordham University Press, 2008.
- ZORZETTI, N.; BERLIOZ, J. *Primer Mythographe du Vatican*. texte établi par N. Zorzetti et traduit par J. Berlioz. 2ª ed. Paris: Les Belles Lettres, 2003.